



MAPEAMENTO DE CONTRARREPORTAGENS SOBRE VIOLÊNCIA CONTRA TRAVESTIS NO JORNAL LAMPIÃO (1978-1981)

Marcus Antônio Assis Lima ¹

RESUMO

Este artigo realiza um mapeamento das contrarreportagens sobre violência contra travestis publicadas no jornal alternativo *Lampião* (1978 – 1981). Buscamos compreender a prática jornalística do referido periódico como “jornalismo alternativo” e as reportagens produzidas dentro desse formato como “contrarreportagens”, ou seja, ou prática jornalística diferenciada que se opõe ao tipo de reportagem comumente realizada por veículos tradicionais de informação.

Palavras-chave: Jornalismo alternativo, Políticas identitárias, Ditadura militar, LGBTQI+, Contracultura.

INTRODUÇÃO

No Brasil dos anos 1960 e 1970, movimentos de contracultura abalaram os alicerces do comportamento social, abrindo espaço para a rebeldia dos costumes. Com a ditadura militar, houve uma miscigenação entre esses movimentos e os ideais políticos-democráticos e populares. Nesse contexto, justificou-se o surgimento de uma mídia que tinha como traço comum a oposição intransigente ao regime militar. Durante os primeiros 15 anos de ditadura, entre 1964 e 1980, cerca de 150 jornais circulavam a margem do processo editorial do mercado ou, até, à margem do processo político dos anos mais sinistros da ditadura; esses periódicos são, no Brasil, comumente chamados de "alternativos".

Essas mídias alternativas introduziram no Brasil temáticas da contracultura. Para Green (2000, p. 38), houve "duas gerações de revistas /.../ [que] ofereceram outra via de acesso à vida dos homossexuais brasileiros, refletindo momentos diferentes no desenvolvimento das identidades homossexuais variadas." Dentro desse contexto, localizamos o surgimento daquela que pode ser considerada a primeira mídia de massa voltada diretamente para a discussão franca e aberta dos direitos das minorias (negros, índios, mulheres) e, principalmente, da homossexualidade: *Lampião*, jornal em formato tabloide, com edição mensal e tiragem entre 10 e 15 mil exemplares, que circulou entre 1978 e 1981 (LIMA, 2001).

Para Abel (1997), haveria uma impossibilidade de alguma definição sensata para o termo "mídia alternativa". De fato, "alternativa" é um conceito bastante abrangente, se

¹ Professor Titular do Curso de Jornalismo da UESB, malima@uesb.edu.br;



pensarmos, por exemplo, na ideia de "mídia radical" (Downing, 2004), onde "radical" encoraja um entendimento que está, basicamente, referindo-se a alguma mudança social, geralmente revolucionária. Entretanto, Chris Atton (2002) considera que o termo "alternativa" abrange, ao contrário de "radical", muito mais que as mídias que promovem e buscam alguma forma de mudança social; por isso, para ele, quando falamos em mídia alternativa podemos incluir desde revistas de estilos de vida alternativos a uma variada gama de zines e de pequenas publicações sobre poesia e ficção e não apenas a o que comumente é denominado no Brasil por "imprensa alternativa". Então, para usarmos a noção de "alternativa" como uma ferramenta analítica, precisamos ser mais específico que pensar em mídia alternativa unicamente como não hegemônica, embora essa seja uma marca bastante distinta da mesma.

Atton (2002, p. 10) almeja uma análise das mídias alternativas que "está tanto interessada em como [a mídia alternativa] está organizada dentro de seu contexto sociocultural quanto na importância de suas temáticas". Em relação às temáticas, abordadas pelo *Lampião* existem variados estudos que apontam as tipificações e representações, geralmente, estereotipadas e negativas, das dissidências, especialmente as sexuais, operadas pelas mídias hegemônicas, e muitos ressaltam como as mídias de massa caracterizam e representam grupos sociais específicos, sugerindo que esses grupos são culpados por suas condições econômicas ou sociais particulares, ou que possuem pontos de vista políticos ou culturais extremados; no geral, tais grupos raramente compõem as elites poderosas e influentes que rotineiramente têm acesso aos meios de comunicação.

METODOLOGIA

Sintetizamos, abaixo, uma tipologia das mídias alternativas, que nos servirá de inspiração para nosso olhar sobre o jornal *Lampião* ao longo deste artigo.

Tabela 1
Tipologia para as mídias alternativas

PRODUTOS	Conteúdo: politicamente alternativo, seja à esquerda ou direita do espectro político, socialmente e /ou culturalmente radical; valor-notícia.
	Forma: gráficos e linguagem visual; variedade e tolerância de representação; estética.
	Inovações ou adaptações tecnológicas: uso de mimeógrafos, tipografia IBM, offset, litografia, fotocópias; digitalização e datatização.
PROCESSOS	<i>Uso distributivo</i> : espaços alternativos para distribuição; redes de distribuição clandestinas e/ou invisíveis; <i>anti-copyright</i> .
	Relações sociais transformadas, papéis e responsabilidades: leitores-escritores, organização

	coletiva, alternativas na prática do jornalismo, da impressão ou da publicação.
	Processos de comunicação transformados: ligações horizontais, redes.

Fonte: Adaptado de Atton (2002, p. 27).

No quadro, os seis elementos dispostos à direita formam a base do modelo que utilizaremos em nossa análise, sem seguir a disposição sugerida no quadro; no entanto, embora a divisão mais ampla em produtos e processos possa aparentar uma independência entre eles, Atton (2002, p. 27) adverte que o modelo "permite usar cada posição do circuito em termos de 'dimensão' comunicacional, de processo social (escrever, imprimir, distribuir etc.)". "Posição", assim, seria um termo muito fixo posto que houvesse sobreposição entre os elementos, por exemplo, entre os papéis de escritor, editor e distribuidor de algum tipo de publicação alternativa ou radical. Entendendo os papéis e as responsabilidades como "dimensões", poderíamos encampar, assim, uma constelação de outras atividades e relacionamentos. Uma publicação alternativa pode então ser interrogada quanto à sua "radicalidade em termos de seu caráter multidimensional, uma perspectiva que privilegia a sobreposição e interseção de dimensões" (ATTON, 2002, p. 27-28).

Nesse sentido, *Lampião* apresenta essa sobreposição quando, por exemplo, Carlos Ferreira (2010, p. 6-7) demonstra que as funções dentro da redação do tabloide, bem como os recursos para a publicação e distribuição do mesmo muitas vezes recorriam ao auxílio financeiro de amigos; ele também observa, apenas em uma rápida análise das capas do tabloide, a "pluralidade de assuntos tratados pelo jornal com relação às minorias". Outro aspecto dessa multidimensionalidade poder creditado ao fato do tabloide não apenas ser o único produto midiático do grupo responsável pela edição e publicação do *Lampião*. Uma editora foi criada para, além de gerenciar a parte comercial do tabloide, lançar livros sobre temáticas alternativas ou mesmo dos editores e redatores do jornal.

Antes, devemos esclarecer como se deu esse levantamento. O procedimento consistiu, basicamente, em uma leitura atenta, selecionando, e fazendo o cadastro em uma tabela, dentre os textos informativos, factuais ou opinativos, excetuando-se as críticas culturais (de teatro, cinema, literatura e artes plásticas; notícias sobre lançamentos de livros, exposições etc.), as cartas dos leitores e textos literários (crônicas, poesias e outros), aqueles que apresentavam alguma característica compatível ao discurso jornalístico, isto é, textos como notícias, reportagens e entrevistas.

Lampião, tabloide que procurava tirar do gueto os grupos marginalizados, especialmente homossexuais, procurava, em suas "reportagens de oposição", fugindo das fontes oficiais

típicas das coberturas da imprensa convencional, abordava fatos de interesse à comunidade leitora do jornal, dando enfoque, especialmente, aos casos de violência, física e simbólica, e de preconceito contra esse grupo social. Assim, selecionamos algumas reportagens para ilustrarmos como *Lampião* abordava essas questões. De um total de 168 reportagens catalogadas, selecionamos 38 que consideramos possuir alguns ou todos os elementos de uma “contrarreportagem”. Muitas dessas reportagens abordam diretamente tópicos relacionados à violência sofrida por dissidentes sexuais, em muitos casos travestis, mas todas resvalam na questão do preconceito, embora em um caso e outro, violência e preconceito sejam temáticas comuns e presentes em toda a vida do tabloide.

DESENVOLVIMENTO

Bons trabalhos têm procurado elucidar esse entendimento de "mídia alternativa", que comentamos anteriormente, tomando o *Lampião* como objeto de estudos. Carlos Ferreira (2010, p. 5), por exemplo, apresenta uma breve, mas adequada contextualização sociocultural do tabloide e consegue sintetizar todo o *Projeto Lampião*, que vai além que apenas a publicação do tabloide:

Lampião inicialmente estava mais preocupado em retirar o gay da margem social, abrindo também o discurso às minorias. Já em sua fase final o jornal se adapta ao gueto e torna-se mais ousado, contendo até mesmo ensaios sensuais e abordando temas mais polêmicos do que fazia em sua fase inicial.

O autor tem, ainda, a preocupação em entender minimamente a "economia da produção" (ATTON, 2002) que moveu esse projeto, especialmente em relação à distribuição do periódico, que atenderia a uma das características no modelo proposto por Atton para as mídias alternativas, isto é, o *distributive use*, ou seja, locais alternativos de distribuição operando por meio de redes alternativas clandestinas ou mesmo invisíveis, e uma tendência a ser *anti-copyright* (ATTON, 1999). Os estudos sobre o *Lampião* que utilizamos para este capítulo demonstram que, embora fosse alternativo nas temáticas e na relação com as fontes e os leitores, essa marcada por alta interatividade, tendo em vista o pouco contato jornalista-leitor em tempos pré-internet, *Lampião* parecia operar sob uma lógica mercadológica, embora isso possa não ter interferido, inicialmente, no caráter ativista do projeto.

Em outro trabalho importante para o entendimento do jornalismo alternativo do *Lampião*, Almerindo Cardoso Simões (2006) estuda o tabloide como lugar de memória para uma infinidade de construções identitárias. Para tanto, ele analisa as cartas dos leitores, as

respostas dadas pela redação e as cartas que comentam outras cartas publicadas ou as próprias respostas, de modo a vislumbrar três grandes blocos que, todavia, "não quer, em nenhum momento sugerir que os mesmos não dialoguem que suas vozes não tenham sentidos entre si. O que se percebe na análise é que a cada momento específico uma(algumas) voz(es) identitária(s) se sobressai(em) mais" (SIMÕES, 2006, p. 75). Esses blocos abarcariam construções identitárias assim agrupadas: i) "1978: A afirmação de identidades através das denominações" (p. 74-100); ii) "1979: O homossexual político" (p. 101-106); iii) "1980: O movimento homossexual organizado" (p. 107-114). Esses blocos salientam, a nosso ver, a constituição de um "espaço público alternativo" (HARCUP, 2013), mesmo que não explicitado pelo jornal ou seus leitores. A relevância social do tabloide e seu movimento de acompanhamento dos debates sobre as temáticas tratadas, tanto na "esfera pública plebeia" quanto na sua contraparte, a "esfera pública burguesa" (HABERMAS, 1984; 1992), leva-nos a entender *Lampião* como uma esfera pública alternativa deliberativa, isto é, pode-se perceber uma reflexividade discursiva onde um processo deliberativo teria promovido alterações detectáveis nas próprias temáticas abordadas, nos discursos e nas práticas de jornalismo do tabloide.

Ainda sobre a importância do *Lampião* para as políticas identitárias no Brasil, Ana Paula Silva e Fernando Teixeira (2014, p. 434) ressaltam que "era um movimento que contestava espaços e direitos. Tinha como elemento formador a identidade, mesmo se tratando de um movimento composto por pessoas bastante diferentes". No primeiro editorial do tabloide, "Saindo do Gueto", pode-se antever uma dimensão ativista, que faz uma crítica das mídias convencionais e suas representações das minorias, em geral, e dos dissidentes sexuais, em particular. Há, então, uma "atitude", um engajamento, e *Lampião* deverá ser o farol que ilumina e o cangaceiro que desbrava e ocupa.

Jornais alternativos que procuram oferecer tais acessos a diferentes vozes foram taxados por Comedia (1984, p. 98-100) de "fetichizadores do amadorismo", tendo em vista que eles se sustentam em uma "combinação de amadorismo organizacional e um conteúdo que pregava apenas para os convertidos"; uma crítica bastante comum quando se trata de estudos sobre redes sociais, por exemplo, e bastante central mesmo em tempos de digitalização e datatização do mundo social (COULDRY, HEPP, 2017). Ao contrário, acreditamos que esses jornais alternativos, e mesmo ao *Lampião*, afastado no tempo, também podem ser creditados por ocuparem um importante papel no cultivo de um ambiente ou de uma esfera pública alternativa, seguindo os passos de Habermas.

E como defende Spiers (1974, p. 19, citado por HARCUP, 2013, p. 66), a "imprensa alternativa funciona como voz e como organização de base para inquilinos, estudantes, sem-

teto e uma miríade de outros grupos na batalha social". É nesse sentido que a análise das cartas dos leitores, realizada por Simões (2006), indicam uma tendência a um ambiente de deliberação mediada (MAIA, 2008), não apenas porque as interações jornalistas-leitores e leitores-leitores estão explicitadas nos comentários a determinada carta ou a determinado leitor ou a uma resposta da redação; respostas da redação e cartas costumam apontar outras fontes de informação ou mesmo citar reportagens publicadas no *Lampião*.

Antes de abordarmos o enquadramento das vozes que produziam e pensavam o tabloide, gostaríamos de apresentar, brevemente, uma discussão de o que seria um "jornalismo alternativo" dentro desta visão de mídia alternativa debatida até aqui. Nesse sentido, seguindo Tony Harcup (2013), o jornalismo alternativo compreenderia formas alternativas de investigação e reportagem bem como fontes de informação alternativas e independentes. A expressão "jornalismo alternativo", hoje, refere-se aos elementos mais jornalísticos que se encontram em mídias alternativas; isto é, práticas de mídia tipicamente conduzidas de forma relativamente participativa, preferencialmente não profissionalizada e não comercial - embora as organizações hegemônicas também tenham utilizado de práticas dessa natureza, em uma variedade de formatos e conteúdos: jornalismo cidadão, jornalismo cívico, jornalismo de paz, jornalismo comunitário e tantos outros, como elenca Downing (2011, p. xxv) -, que envolvam reportagens e/ou comentários de eventos factuais e/ou temáticos.

Implicitamente e, às vezes explicitamente, haveria no jornalismo alternativo uma rejeição e uma crítica a muitas das práticas estabelecidas pelo jornalismo convencional, tendo como consequência que os jornais alternativos poderiam trabalhar com diferentes valores-notícia, cobrindo diferentes histórias, dando acesso a diferentes elencos de notícias e fontes, operando em um conjunto alternativo de crenças éticas e, em certa medida, operando como um cão de guarda nas principais organizações de mídia que gostam de se enxergar como cães de guarda. Para Harcup (2013, p. 13), assim, "uma abordagem alternativa às notícias não é simplesmente a seleção de histórias diferentes, embora possa ser isso; também é sobre o que você faz com essas histórias".

Desta forma, o jornalismo alternativo elabora críticas ao papel das mídias tradicionais, mas também oferece alternativas à padronização de como as notícias são redigidas e obtidas, bem como apresentam alternativas para o "papel subordinado do público como receptor" (ATTON, HAMILTON, 2008, p. 1). De fato, seria um equívoco compreender o jornalismo alternativo como simplesmente reativo, como uma resposta a o que quer que seja uma prática dominante porque, ao fazer isso, seria ignorar o fato que "as práticas e a *raison d'etre* do

jornalismo alternativo estão disponíveis há bem mais tempo que as práticas tradicionais que dominam o jornalismo nos últimos cem anos" (FORDE, 2011, p. x).

Assumir e orgulhar-se de sua homossexualidade, sair dos guetos, transitar como qualquer outro cidadão, ter livre arbítrio para escolher lugares de lazer, e, acima de tudo, exprimir livremente sua sexualidade são temas constantes em *Lampião*. Em especial no primeiro ano de sua existência (1978), esta é a tônica do jornal. Em 1979, o orgulho de assumir identidades homossexuais é associado a questões políticas que emergem no panorama brasileiro. 1980 traz discursos homossexuais ligados a movimentos de conscientização homossexual, buscando o seu lugar dentro de um panorama político. (SIMÕES, 2006, p. 38).

A síntese de Almerindo Simões consegue absorver duas outras possibilidades para o jornalismo alternativo de *Lampião*. A primeira, as chamadas "contrarreportagens", que Harcup (2013, p. 14) entende como "reportagens que se baseiam em algumas das mais valiosas práticas jornalísticas, mas que incorporam dentro de suas práticas uma crítica ao discurso hegemônico".

Contrarreportagem é a reportagem 'de atitude', reportagem que contém, implícita ou explicitamente, um enquadramento ideológico, mas também uma crítica bem fundamentada às ideias dominantes em uma sociedade e que frequentemente inclui como parte da reportagem uma crítica ao discurso dominante presente nas mídias tradicionais (HARCUP, 2013, p. 14).

Nesse sentido, uma entrevista de um dos principais editores, redatores e repórteres do *Lampião*, Aguinaldo Silva, hoje famoso por ser autor de novelas em uma grande emissora de televisão, à revista *Isto É*, de 28 de dezembro de 1977 é reveladora e merece a extensão:

Quanto ao jornal que estamos fazendo, queria dar algumas informações a respeito: ele vai ser nacional – tabloide 32 páginas, 10 mil exemplares – e provavelmente vai comprar, no primeiro número a briga do Celso Curi (“Coluna do Meio”), a briga da Leda Flora (aquela que denunciou no Congresso a discriminação sexual) e a briga dos negros brasileiros que as multinacionais do disco-dance querem transformar em *blackie brothers*. Como vocês veem, nossa ambição não tem limites: tanto que pretendemos mandar o Antônio Chrysóstomo cobrir a convenção da Arena e apresentar, depois, nossa versão dos fatos. O nome do jornal? Há uma lista imensa, mas o que me agrada é *Lampião*: primeiro porque subverte, de saída, a coisa machista (um jornal de bicha com nome de cangaceiro?); segundo, pela ideia de luz, caminho, etc.; e terceiro, pelo fato de ter sido *Lampião* um personagem até hoje não suficientemente explicado (olha aí outro que não saiu das sombras) (p. 14, citado por SIMÕES, 2016, p. 74-75).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Vejamos alguns exemplos de “contrarreportagens” realizadas pelo *Lampião*. Talvez a mais famosa de todas as reportagens publicadas pelo tabloide, “Demissão, processo, perseguições. Mas qual é o crime de Celso Curi?” abordava o processo judicial enfrentado pelo jornalista Celso Curi, um colunista do jornal *Última Hora*, de São Paulo, onde mantinha uma seção chamada “Coluna do Meio”, (*Lampião*, abril de 1978, p. 6-8), “uma coluna de cunho

informativo, social e burlesco /.../ que brincava com personagens de criação própria, contava piadas, noticiava acontecimentos sociais ou não e publicava um *Correio Elegante*”. Mas, o diferencial da coluna que, segundo a reportagem, foi responsável pelo aumento das vendas do jornal, era que ela era voltada aos dissidentes sexuais. A reportagem faz uma contextualização da “Coluna do Meio” para demonstrar a tese que a perseguição judicial ao jornalista era motivada, na verdade, pela temática da coluna e pelo fato do jornalista ser homossexual assumido, tendo sido enquadrado pelo artigo 17 da Lei número 5.250, conhecida como Lei da Imprensa, ou seja, “ofender a moral e os bons costumes”. O interessante que a reportagem, como forma de mostrar a relevância da coluna, reproduz algumas cartas de leitores enviadas a Celso Curi; dessa forma, a reportagem utiliza como fonte leitores, na maioria dissidentes sexuais, como forma de legitimar o discurso de perseguição homofóbica (termo pouco empregado à época) e, subvertendo a lógica das reportagens na imprensa convencional, utilizar “gente comum” como fonte primária. A reportagem assume um tom subjetivo, onde o repórter acrescenta seus pontos de vista e sua opinião sobre o caso, tendo em vista ser, ele próprio, também dissidente sexual. Ouve-se o advogado de defesa e o próprio acusado. Então, uma reportagem que seria, na imprensa convencional, focada no processo penal e, muito provavelmente, na defesa da legalidade da lei, transforma-se em um libelo pelas liberdades individuais e em defesa dos dissidentes sexuais, especialmente os menos favorecidos: “porque um viado rico pode dizer publicamente que é viado, e não ficará sem comida. Mas um viado pobre não, esse é sem dúvida duas vezes mais desgraçado” (Lampião, janeiro de 1978, p. 7). A reportagem principal é seguida de outros dois textos, “Na defesa, palavras do Ministro Baleeiro” (p. 7) e “Um leitor: ‘Caríssimo amigo, você é meu salvador’” (p. 8); ambas reforçam a posição do tabloide de que se tratam de uma perseguição ideológica, política e homofóbica.

A segunda possibilidade seria o jornalismo de interesse público. Se há muito valor na mídia convencional, há também muito desespero, como uma abordagem frequentemente clichê e superficial para as notícias que privilegia o sintoma sobre a causa, a tentação sobre a investigação e a “aspiração” individual sobre a necessidade social. Nesse contexto, e dada à crise no jornalismo provocada pela queda das receitas, baixos níveis de confiança pública e escândalos éticos, pode ser que o jornalismo alternativo, às vezes, atue aproximando-se do “interesse público” bem mais do que parte do que é produzido pelas principais organizações de mídia com (mesmo em tempos difíceis) muitas vezes os recursos das mídias alternativas.

Pode-se concluir que grande parte das contrareportagens das mídias alternativas, conforme discutido acima, se qualifica como *jornalismo de interesse público*, apesar do fato de

que há, nos dias atuais, muita produção feita por pessoas sem treinamento formal jornalístico; no caso específico do *Lampião*, a contribuição dos leitores, como demonstrado nos estudos citados, tanto pelo espaço que ocupa nas páginas do tabloide, quanto nas temáticas e no debate travado, devem ser entendidas nos moldes que fazemos atualmente em relação às práticas jornalistas cidadãs. Como tal, certamente surge a questão de saber se tais práticas e produtos de mídias alternativas, jornalismo alternativo e "reportagens de oposição" devem ser ensinados e pesquisados como um elemento integrado aos estudos de jornalismo e ao próprio jornalismo, ao invés de algo que possa ser confinado com segurança às margens

Dividimos as reportagens na Tabela 2 e na Tabela 3, em ordem cronológica, indicando o título, o autor (quando não indicado, entendemos como de autoria da Redação) e o tema da reportagem.

Tabela 2
Reportagens de oposição (1978-1979)

ANO	EDIÇÃO	PÁGINA	TÍTULO	AUTOR	ASSUNTO
1978	0 (abril)	6	Demissão, processo, perseguições. Mas qual é o crime de Celso Curi?	João Silvério Trevisan	Processo judicial contra o jornalista
1978	0 (abril)	7	Na defesa, palavras do Ministro Baleeiro.	João Silvério Trevisan	Processo judicial contra o jornalista
1978	0 (abril)	8	Um leitor: 'Caríssimo amigo, você é meu salvador'.	João Silvério Trevisan	Processo judicial contra o jornalista
1978	4 (maio/junho)	5	Discoteca, sauna, clube: um admirável mundo novo?	Antonio Chrysóstomo	Espaços de sociabilidade
1978	5 (junho/julho)	6-7	Lennie Dale chega, assalta a geladeira e abre o verbo: eu sou tihoso.	Redação	Liberdade de opinião
1978	5 (junho/julho)	10-11	Leyland fala sobre atuação política.	Redação	Opressão/Mídia
1978	7 (agosto/setembro)	8-9	Travestis: quem atira a primeira pedra?	Regina Rito	Direitos dos travestis
1978	9 (novembro)	5	Anormal assassinado em Copacabana.	Aguinaldo Silva	Violência física
1978	9 (novembro)	7	No vale do Paraíba a caca as bruxas-bichas/ Nos jornais, um eterno suspeito: o homossexual.	João Silvério Trevisan/ Glauco Matoso	Violência contra homossexuais
1978	10 (dezembro)	6-8	Na Argentina é assim: paulada nas bonecas! Um documento do exílio	Redação	Preconceito e violência
1979	11 (janeiro)	16	Madureira by night	Roberto Xis	Espaços de sociabilidade
1979	13 (março)	6-7	Carnaval, todo mundo sem máscara	Redação	Estilo de vida
1979	14 (abril)	20	Homossexuais se reúnem em Israel	Redação	Direitos das minorias
1979	15 (maio)	9-11	Então, por que tanta repressão?	Grupo Somos	Direitos das minorias
1979	17 (julho)	6	Uma praça chamada republica	Eduardo Dantas	Repressão/Espaços de sociabilidade
1979	17 (julho)	8	Ninuccia é acusada de homicídio, mas só provam que ela é lesbica.	Redação	Preconceito e repressão
1979	17 (julho)	9	Os meninos de Maurice Bejart	Redação	Arte

Fonte: Levantamento feito pelo autor no *Lampião*.

Nesse mapeamento, ficou evidente a diversidade de vozes representadas, as práticas jornalísticas alternativas (entre outras, uso de fontes sem acesso às mídias convencionais; contextualização; "atitude", isto é, uma tomada de posição; enquadramento político e/ou

ideológico) e um interesse público norteando uma “agenda alternativa”, que pautava temáticas, personalidades e eventos não cobertos pela mídia convencional ou, quando era motivo para alguma reportagem, o viés era do estereótipo, da vinculação à marginalidade, à doença. Por isso, as reportagens procuram ouvir essas “fontes secundárias”, permitindo que o enquadramento e a tematização sejam representativas dos pontos de vista dos dissidentes e marginalizados, como visto anteriormente.

Tabela 3

Reportagens de oposição (1979-1981)

ANO	EDIÇÃO	PÁGINA	TÍTULO	AUTOR	ASSUNTO
1979	17 (julho)	9-11	Alô, alô, classe operaria: e o paraíso, nada?	Beatriz Medina	Luta/Direitos/Política
1979	19 (setembro)	13	Juiz de Fora elege sua miss gay (TFM aplaude)	Adão Costa	Comportamento/Estilo de vida
1979	20 (outubro)	5	Que tu tenhas teu corpo	João Silvério Trevisan	Liberdade
1979	21 (novembro)	9-10	Os hueis do flamengo e a bixórdia do sr. Braga	A.P.	Política/Entrevista
1979	22 (dezembro)	5	Anistia apoia homossexuais	Aguinaldo Silva	Apoio político
1979	22 (dezembro)	11	Zezé Mota, negra e mulher-bicha	Redação	Perfil/Mídia
1980	24 (fevereiro)	14-15	Um histórico da repressão aos homossexuais na terra de Videla. Sufoco na argentina	Redação	Repressão e violência
1980	25 (março)	14-15	<i>The Buenos Aires affair</i>	Antonio Leicht	Repressão contra gays
1980	26 (julho)	3-5	A igreja e o homossexualismo: 20 séculos de repressão	João Carneiro	Religião, preconceito e violência
1980	27 (agosto)	14-15	A incrível metamorfose de Andrea Casparelly	Antonio Carlos Moreira	Estilo de vida
1980	28 (setembro)	3	Recife: mais uma bicha executada	João Carneiro	Violência
1980	30 (NOVEMBRO)	3-9	Estes michês (nem tão) maravilhosos e suas incríveis máquinas de fazer sexo	Redação	Prostituição masculina
1981	32 (janeiro)	3-4	Brasil: campeão mundial de travestis/ libélulas, mariposas, vampiras, damas da noite	Aguinaldo Silva	Estilo de vida/Comportamento
1981	32 (janeiro)	6-7	Um passeio pela zona/ intimidade com uma estrela	Antonio Carlos Moreira	Estilo de vida/Travesti
1981	33 (fevereiro)	10	Cuba: dez anos de caça às bichas	Beatriz Madeira	Preconceito
1981	33 (fevereiro)	11-12	Historias que Mae-Revolução não contava	João Silvério Trevisan	Repressão/Revolução Cubana
1981	33 (fevereiro)	13-14	Os órfãos de Sierra Maestra	João Silvério Trevisan	Violência/repressão
1981	33 (fevereiro)	19-20	Hambre de sexo em Argentina	Redação	Repressão/Preconceito
1981	34 (março)	5-8	Só para cavalheiros	Redação	Espaços de sociabilidade
1981	35 (abril)	6-7	Claudie: o transexualismo é um estilo de vida?	Odacy Costa	Estilo de vida/Travesti
1981	36 (maio)	12-15	Tiradentes, sublime tentação	Redação	Luta/Direitos Humanos

Fonte: Levantamento realizado pelo autor em *Lampião*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, pudemos perceber que o jornalismo alternativo de *Lampião* de fato difere daquele praticado na imprensa convencional. Enquanto a imprensa convencional tem a

tendência em privilegiar os poderosos, o jornalismo alternativo, no geral, busca dar voz aos despossuídos de poder e aos marginalizados; oferecem um ponto de vista “de baixo” e a favor dos sem voz. O jornalismo alternativo e o convencional não apenas utilizam diferentes fontes, eles tendem a manter um relacionamento diferenciado entre produtores e fontes; o jornalismo alternativo, nesse sentido, às vezes deixa opaca a distinção entre os dois. É nesse sentido que entendemos a mídia alternativa como inseparável de uma esfera pública alternativa, aberta à possibilidade de “empoderamento de narrativas de resistência para aquele contra-público que é narrado por contra-públicos” (ATTON, 2002, p. 153).

Acreditamos que o jornalismo alternativo pode prover arenas para que “esferas públicas específicas de classe ou subculturas” possam competir com a hegemonia dominante na esfera pública (HABERMAS, 1992, p. 425-426). Dentro da noção de “comunidades interpretativas”, criadas pela fluidez populacional de cidadãos que, em momentos distintos, podem ser produtores, fontes e leitores, o jornalismo alternativo pode oferecer a possibilidade de se subverter o discurso dominante ao propiciar acesso a vozes, argumentos, eventos e pontos de vista alternativos que podem ser aproveitados pelos cidadãos para se engajarem mais criticamente com os dispositivos das mídias massivas.

A intenção deste capítulo, ao discutir o jornalismo alternativo do tabloide *Lampião*, evidenciando especialmente a prática da “contrarreportagem”, busca apenas abrir novos caminhos para a pesquisa das mídias alternativas no Brasil e o mapeamento realizado possa servir como índices para pesquisas aprofundadas e futuras.

REFERÊNCIAS

ABEL, R. “An Alternative Press. Why?” In: **Publishing Research Quarterly**. NY: Springer, 1997, v. 12, n. 4, p. 78-84.

ALBUQUERQUE Jr, D. M. de; CEBALLOS, R. “Trilhas urbanas, armadilhas humanas: a construção de territórios de prazer e de dor na vivência da homossexualidade masculina no Nordeste brasileiro dos anos 1970 e 1980”. In: SANTOS, R.; GARCIA, W. (orgs.). **A escrita de adé: perspectivas teóricas dos estudos gays e lésbicos no Brasil**. São Paulo: Xamã: NCC/SUNY, 2002.

ATTON, C. “A Re-assessment of the Alternative Press”. In: **Media, Culture and Society**. London: Sage, 1999, n. 21, p. 25-49.

ATTON, C. **Alternative Media**. London: Sage, 2002.

ATTON, C.; HAMILTON, C. **Alternative Journalism**. London: Sage, 2008.

COMEDIA. “The alternative press: the development of underdevelopment”. In: **Media, Culture and Society**. London: Sage, 1984, n. 6, p. 95-102.



COULDRY, N.; HEPP, A. **The Mediated Construction of Reality**. London: Polity Press, 2017.

DOWNING, J. **Encyclopedia of Social Movement Media**. Los Angeles: Sage, 2011.

DOWNING, J. **Mídia Radical**. Rebeldia nas comunicações e movimentos sociais. São Paulo: SENAC, 2004.

FERREIRA, C. "Imprensa homossexual: surge o *Lampião de esquina*". In: **Revista Altejour**. São Paulo: ALTEJOR/ECA-USP, ano 01, vol. 01, Ed. 01, janeiro-dezembro, 2010, pp. 1-13.

GONÇALVES, G. O.; SANTORO, A. C. "Voz da Diversidade: os discursos da imprensa homossexual no Brasil". In: **INTERCOM**. XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste São Paulo: Intercom, 12 a 14 de maio de 2011, p. 1-15.

GREEN, J. **Além do carnaval**. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: UNESP, 2000.

HABERMAS, J. "Further reflections on the public sphere". In: CALHOUN, C. (Ed.). **Habermas and the Public Sphere**. London: MIT Press, 1992.

HABERMAS, J. **Mudança estrutural da esfera pública**. São Paulo: Tempo Brasileiro, 1984.

HARCUP, T. **Alternative journalism, alternative voices**. London: Routledge, 2013.

HARCUP, T. **The Ethical Journalist**. London: Sage, 2007.

ISTO É. São Paulo: Encontro Editorial Ltda, ano 2, n. 53, dez. 1977.

LAMPIÃO. Rio de Janeiro: Editora Codecri, abril de 1978.

LIMA, M. A. A. "Breve Histórico da Imprensa Homossexual no Brasil. **Revista Cronos**. Pedro Leopoldo, Minas Gerais: Unileste, 2001, pp. 21-30.

MAIA, R. C. M. **Mídia e Deliberação**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

SILVA, A. P. O.; TEIXEIRA, F. S. "De políticas identitárias para políticas pós-industriais: suas contribuições para os dissidentes da heterossexualidade". In: **CONINTER 3**. Salvador, BA: UCSal, 8 a 10 de Outubro de 2014, n.3, v. 7, p. 429-443. [Anais].

SIMÕES, A. C. Jr. **E havia um lampião na esquina**. Memórias, identidades e discursos homossexuais no Brasil do fim da ditadura (1978-1980). Rio de Janeiro: UNIRIO, 2006. [Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Memória Social].

SPIERS, J. **The Underground and Alternative Press in Britain: A Bibliographical Guide with Historical Notes**. Brighton: Harvester Press, 1974.

